

A CARTOGRAFIA DAS CIDADES INVISÍVEIS: VISIBILIDADE DAS “PARA-FORMALIDADES” URBANAS

LORENA MAIA RESENDE; GUSTAVO DE OLIVEIRA NUNES²; PAOLA DA SILVA BRUM³; DÉBORA SOUTO ALLEMAND⁴; RAFAELA BARROS DE PINHO⁵ EDUARDO ROCHA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – lorenamilitao@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gustavohnunes@msn.com

³Universidade Federal de Pelotas – paolahbrum@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – deborallemmand@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

É possível cartografar as cidades invisíveis?

As cidades são invisíveis aos olhos do poder soberano, no caso o poder público. Segundo CALVINO (2009) mesmo o mais soberano dos imperadores também sofria limitações do conhecimento. E isso ao mesmo tempo engrandece e esvazia o território dominado. Uma vez que o domínio de um território se dá pelo discurso permanece o problema de que Marco Polo alerta “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso de quem a descreve”(CALVINO, 1995, p.26)

Justamente por essa problemática que se vê a necessidade de tornar visível pontos importantes no contexto urbano. O presente trabalho surge de um Projeto de Extensão (PROEXT _2014) da área de Arquitetura e Urbanismo com o título: “PARA-FORMAL NO CENTRO DA CIDADE: mediações e controvérsias no uso do espaço público”. O Projeto se dedica a dar visualidade a “para-formalidade” em centros de cidades (inicialmente em casos de atuação da equipe do Laboratório de Urbanismo, da FAUrb/UFPel: Pelotas, Rio Grande e Jaguarão), a partir de cartografias urbanas.

No conceito de GEHL (2013) de que as cidades são para as pessoas, a forma de planejar os espaços urbanos deve ser mais humanizada para garantir um desenho de bons lugares. E, pressupondo que o para-formal - que são todas as atividades (comerciais, culturais, moradia, etc.) encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de seu desenho urbano (original), mas que “agora” (na contemporaneidade) fazem parte de seu cotidiano - também constituem essas cidades invisíveis, o objetivo é tentar mapeá-los, torná-los visíveis, através de experiências que qualificam o lugar.

A cartografia social sendo entendida como uma metodologia experimental, em cuja essência não está na validação ou a reprovação de uma situação, mas sim a possibilidade de fazer visível o não visível, de habilitar outros possíveis cenários é a ferramenta necessária para tornar os “para-formais” existentes e constituintes de novos desenhos urbanos.

2. METODOLOGIA

A metodologia desse projeto tem como ponto de partida o caminhar no centro das cidades. O caminhar do errante, aquele que sai sem rumo, não tem um ponto de partida e nem de chegada fixos. Caminha perdido por dentro um território urbano conhecido e ignorado ao mesmo tempo. Ao caminhar esse corpo (usuário, turista, planejador, etc.) cria mapas, deixa marcas e rastros – cartografias urbanas – que podem nos auxiliar a compor um novo universo sobre a cidade na contemporaneidade (DELEUZE, 1995; JEUDY, 2005; JACQUES, 2006).

Os procedimentos metodológicos – qualitativos – se desenvolvem em três planos: teórico, prático e projetual. Inicialmente, no campo teórico, realiza uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de cartografia urbana, ecologia urbana, história da cidade, crescimento, morfologia, mobilidade, errância, percepção ambiental, sustentabilidade, políticas de governo, infraestrutura, projetos históricos relevantes, projetos atuais relevantes, estudo da cidade e relação de seus elementos com o conceito. Em seguida, se fez necessário uma pesquisa referente às cidades estudadas, como número de habitantes, à morfologia urbana, histórico da cidade, atividades culturais, a existência ou não de associação de artesãos, dentre outros.

Com todo embasamento teórico, o próximo passo – prático – está na coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais das cidades; identificação, análise e classificação dos equipamentos “para-formais” encontrados; organização de dados referentes à coleta de imagens e análise das atividades realizadas. O material utilizado nessa etapa consiste em câmera fotográfica para registro, um mapa do local pontuando os casos localizados e uma tabela sucinta para dar características aos equipamentos, identificar o tipo de atividade, a conservação, sua inserção no espaço público, etc.

Por fim, em se tratando da fase projetual, a ideia é de promover e instalar imagens “para-formais” do centro cidade, descobertas nas experiências obtidas pelos mapas de errância urbana: sejam para apresentação as autoridades locais, agenciamento de passeios pelos lugares delimitados no projeto, a exposição do material em eventos e uma possível publicação dos mesmos.

A ideia é conseguir ao final do trabalho que os resultados afetem a população local de tal forma que as errâncias pelo centro da cidade e a busca de visualidade para as “para-formalidades”, sejam agora carregadas de sentido e sensações (DELEUZE, 2000), assim como condições favoráveis a sua prática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a errância¹ realizada no centro das três cidades de estudo (Pelotas, Rio Grande e Jaguarão) identificou-se os atores e objetos para-formais, tudo aquilo que ocupa o espaço público da cidade sem que esse tenha sido projetado para isso, subvertendo as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas.

¹ Segundo Paola Jacques: “Errar, ou seja, a prática da errância, pode ser um instrumento da experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções” (2006, p.6).

A partir dessa coleta, parte-se para a identificação dos equipamentos "para-formais" presentes em cada atividade registrada (bancas, cestos, caixas, bancos, etc), classificando-os quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos que possam modificar as atividades (como o clima, a estação do ano etc.).

Em cada cidade limitou-se um trecho, aproximando das áreas centrais, que são os lugares de diversidade e densificação de atividades "para-formais". E, sempre tendo em campo o mapa da área selecionada, apontava-se territorialmente o local desses focos informais.

A figura 1 exemplifica o trecho percorrido na cidade de Rio Grande. E, na figura 2 alguns "para-formais" encontrados nessa caminhada. Na foto à esquerda um carrinho que vendia churros dentro da via carroçável e, à direita um senhor vendia brinquedos na praça central da cidade.

Em uma ficha foi tomado nota de cada caso. Uma breve descrição da atividade, localização, instalações, porte e sentidos. Assim, foi possível quantificar e sistematizar os dados recolhidos. Posteriormente esses números serão úteis para uma estatística e comparação com as demais cidades.

A pesquisa ainda está em processo, mas já foi possível sentir e perceber alguns resultados: 1) As cidades invisíveis fazem parte da urbanidade na contemporaneidade; 2) Essas cidades são invisíveis para o poder público que não incluem essas atividades no planejamento urbano; 3) A cartografia social é uma ferramenta que pode tornar visível os focos de para-formalidades; 4) O conhecimento dessa informalidade pode ser útil para os arquitetos e urbanistas quanto ao projeto de desenho urbano, buscando o projeto de um bom lugar.

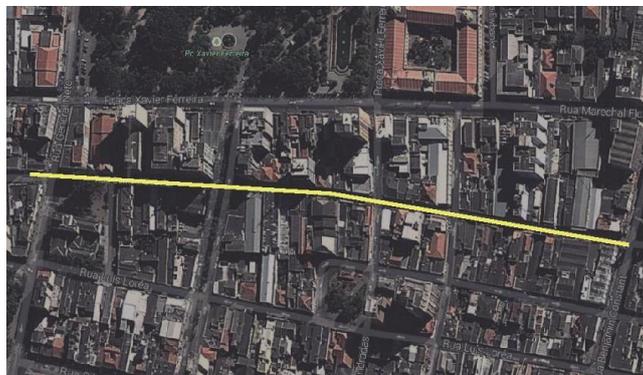


Figura 1 - Trecho percorrido da Rua General Barcelar/ Rio Grande-RS Fonte: Google Earth, 2014



Figura 2 - Focos de para-formalidade no centro de Rio Grande-RS. Fonte: Lorena Maia, 2014

4. CONCLUSÕES

As principais contribuições dessas cartografias das cidades invisíveis seriam primeiramente os avanços na área de cadastro e mapeamento de configurações complexas, pois com os resultados obtidos será possível aproximar e levar em consideração nas ações tradicionais do campo do planejamento urbano e regional, dados que até então não eram computados, como: as ocasionalidades, as usos informais, as culturas e sociedades menores, entre outros.

Como segundo ponto a produção local de metodologia e tecnologia será sistematizada durante o processo uma ação metodológica “nova”, que aliada a outras que já fazem parte do repertório dos estudos de planejamento urbano e regional possibilitará sua reprodução por órgãos públicos e outros centros de pesquisa, além de conjuntamente desenvolver “novos” recursos infográficos para a mesma.

Sendo assim, compreende-se a importância das cartografias sociais da para-formalidade como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000

GHEL, Jan. **Cidades para as pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. GHEL, Jan; SVARRE, Birgitte. *How to study public space*. Londres: Island Press, 2013.

GRIS PUBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bismar Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.

JACQUES, P. B. [org.]. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

ROCHA, E. **Cartografias Urbanas**. In: *Revista Projectare*. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.